

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do Século, Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑA	
Anno	48000	Anno	38000
Semestre	25000	Semestre	23000
Trimestre	15000	Trimestre	13000
		Mez (em Lisboa)	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: QUENTES E FROAS! (Cliché de Benoit) * Texto: UM GRANDE SABIO PORTUGUEZ: J. V. BARBOSA DU BOGAGE, 20 illustr. * ROSAS DE TODO O ANNO, PEÇA DE JULIO DANTAS, 1 illustr. * MULHERES ILLUSTRAS PORTUGUEZAS, 7 illustr. * MODAS, 2 illustr. * REJANE, 8 illustr. * LA POR FORA, 5 illustr. * QUANTO CUSTOU A LIBERDADE, 21 illustr. * TYPUS POPULARES PORTUGUEZES, 2 illustr. * * * * *

Só não tem cabelo nem **Fazemos nascer**
barba quem quer!!! *cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo.*

REMETTE-SE COM TODA A DISCREÇÃO para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vai um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador 300\$000 (trezentos milrs.). Para prevenção contra as imitações e falsos remédios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootoy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a expliação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adelantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

O preço para o **Mootoy** é de 2\$516 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2 porções.

MOOCY DEPOC—Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133
O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa



Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a expliação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adelantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

Discos SIMPLEX

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO**. Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. **PEDIR CATALOGOS a**

J. CASTELLO BRANCO
R. de Santo Antão, 32, 34 e 82
LISBOA

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^A Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa. RUA DE SANTA JUSTA, 96 (Junto ao elevador)—LISBOA.

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo. L. DEQUEANT Pharmacien, 38, Rue Clignancourt Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem se deve dirigir para todas as informações gratuitas. A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

UM GRANDE SABIO PORTUGUEZ J. V. BARBOSA DU BOCAGE



José Vicente Barbosa du Bocage

NESTE momento singular da nossa existencia historica como nacionalidade, no meio d'esta «vil e apagada tristeza» que perturba e commove os espiritos, a morte do

homem eminente de tão rara e extraordinaria envergadura mental e moral que foi José Vicente Barbosa du Bocage, assume, talvez mais que as proporções de um grande desastre, as de um verdadeiro e nefasto agouro. Em qualquer outra occasião o desaparecimento do Nestor da zoologia, que era lá fóra o mais celebre e respeitado de todos os portuguezes contemporaneos, representaria sempre uma perda cruel e dolorosa para a sciencia e quasi-instituível para o paiz; mas n'esta, quando o futuro se envolve e se complica n'uma tão cerrada teia de incertezas, esse desaparecimento causa-nos na realidade um pavor contra o qual o nosso espirito não pôde reagir e vemos n'elle como que um amargo prenuncio de coisas irremediaveis.

Alguem disse, exprimindo n'uma phrase afortunadamente synthetica a verdade flagrante da situação, que Portugal valia agora menos com Barbosa du Bocage morto, do que valia antes com elle vivo. Assim é. Perante a consciencia universal, como, mais tarde, para o julgamento da historia, o merito de um paiz, a razão da sua independencia, affirmam-se e justificam-se apenas pelo valor do seu trabalho e da sua sciencia e pelo seu respeito da liberdade. O professor Bocage, considerado como um mestre indiscutível e venerando pelos naturalistas estrangeiros, citado como uma superior auctoridade por todos os zoologos, concretisava a mais alta representação da nossa vida intellectual para os estranhos, do mesmo passo que aos nossos olhos constituia tambem,

por uma rara associação no mesmo individuo de qualidades tão diferentes, um exemplo do mais elevado civismo e pureza moral.

Comtudo, uma triste confissão a fazer é que o nome glorioso de José Vicente Barbosa du Bocage, que galgára de ha muito as restrictas fronteiras de Portugal, e em toda a parte onde se estuda e pensa era conhecido e se tornara prestigioso, não alcançara, exactamente, a dentro da patria, a mesma homenagem, o culto consciante que merecia. Parecemos, por isso, justo e opportuno dizer aqui succintamente, sem apparato scientifico, para lição de todos, o que valeu o mestre, quanto trabalhou, quaes foram os resultados do seu ensino e do seu estímulo, e ainda relembrar n'uma leve referencia, o seu nobre proceder como cidadão, que representa tambem uma lição, a qual não é seguramente menos bella que as da sua cathedra ou do seu laboratorio.

A fauna de Portugal era, ha meio seculo, apenas conhecida por mesquinhos e escassos especimenes, e a zoologia uma sciencia que depois de Rodrigues Ferreira, nos fins do seculo XVIII, não tornára a ter mais nenhum cultor nacional. Domingos Vandelli, que o marquez de Pombal mandára vir para ensinar em Coimbra, tinha publicado, em 1787, um catalogo dos animaes do paiz, naturalmente bastante incompleto, mas que continuára sendo, setenta annos depois, o unico inventario taxinomico existente. O velho museu da Ajuda, que passára primeiro para o convento de Jesus, e depois para a Polytechnica, era bem pobre da fauna nacional.

Em 1862 ainda Barbosa du Bocage nos descrevia por esta fórma o triste quadro: «Portugal é hoje o

menos conhecido e explorado de todos os paizes da Europa; da sua Fauna apenas se conhecem mui poucos e raros fragmentos; nos museus mais ricos e completos, nas melhores collecções de particulares mal se avista um ou outro especimen colhido no nosso solo; mesmo o nosso antigo museu era, n'este ponto, um dos menos favorecidos. E' tempo, crêmos nós, de fazer cessar esta vergonha, que denuncia mais do que tudo aos estrangeiros o nosso atraso e obscurantismo; é tempo de estudar por nós mesmos o que é nosso, e de colligir pela fórma que a sciencia prescreve os documentos



gia e fé, trabalhando por si sem descanso, atraindo e educando collaboradores, dedicando-se, enfim, incondicionalmente á sua idéa patriótica. Para os collectores, que convinha angariar nas diversas localidades, organisava umas instrucções praticas sobre o modo de capturar e de preparar os exemplares zoológicos destinados ao Museu de Lisboa, e conseguiu assim despertar enthusiasmos e alcançar cooperadores valiosos, que iam, dia a dia, aumentando com as suas remessas o nucleo do estabelecimento, que se transformava inteiramente nas suas mãos disveia-



João Rosa Barbosa
du Bocage,
pae de Bocage



D. Thereza Roma
du Bocage,
professor Bocage, Carlos
Roma du Bocage,
D. Maria José
Roma



que devem servir de base á historia das produções naturaes do nosso paiz.»

Dizia-o e mettia mãos á obra, com ener-



Grupo tirado na Villa
Roma, em Cintra, em 1859
Sentados: D. Cecília
Roma Barbosa, Carlos
Morato Roma, D. Mariana
Roma, D. Maria
José Roma, D. Paulina
Roma Machado,
De pé: Antonio Maria
Barbosa, Carlos Roma
du Bocage,
José Ignacio Machado,
Barbosa du Bocage,
e D. Thereza Bocage

das. O que não passára, ao começo, de um mero gabinete de curiosidades, que servia na Ajuda apenas para distracção dos reis, e que de-



pois de defraudado no que tinha de melhor pela invasão franceza, havia jazido vinte e tantos annos ao abandono nas salas da Academia das Sciencias, começava agora a ser uma verdadeira collecção de historia natural, disposta methodicamente, em obediencia a um rigoroso criterio scientifico. E n'uma viagem a Paris, dando a primeira demonstração da sua habilidade de diplomata, o illustre fundador do museu, que podemos sem favor chamar-lhe assim, alcançava dos administradores do Jardim das Plantas, como uma especie de restituição, o donativo de algumas valiosas collecções de vertebrados e de insectos e crustaceos. D'este modo, crescia bastante a collecção geral, ao mesmo tempo que com perseverança ininterrupta se iam enriquecendo tambem as collecções do paiz.

A situação d'estas, quando o antigo museu foi incorporado, em 1858, na Escola Polytechnica, era bem mesquinha. Eis como elle a descrevia, então, em poucas mas expressivas palavras:

«Se exceptuarmos algumas conchas, e essas mui poucas, alguns peixes da nossa costa (resto de uma collecção offerecida pelo duque de Palmella, e que se perdeu quasi inteiramente por se lhe não renovar

a aguardente) e varias aves, que o nosso amigo e collega dr. Costa mandou preparar no curto periodo em que exerceu as funcções de classificador do museu, pode-se affirmar com verdade que a fauna de Portugal não tinha ali representantes»

Só quatro annos volvidos haviam-se já colligido, porém, os mamíferos mais communs, metade das aves conhecidas, tanto sedentarias como de arribação, varias especies de reptis, uma serie típica completa das conchas de moluscos terrestres e fluviaes descriptas por Morelet, e outra de numerosas formas marinhas. Principiava bem, e quem em tão pouco tempo conseguira realizar tão notavel milagre, não podia deixar de completal-o certamente.

Foi o que succedeu de facto. A secção zoologica do Museu de Lisboa progrediu e desenvolveu-se sob a egide e pelo impulso do mestre eminente que lhe consagrou meio seculo inteiro de existencia, e hoje, decorada com o seu nome prestigioso por um decreto intelligente do governo, — que, aliás, regateia miseravelmente a parca verba da sustentação decente a esse primeiro estabelecimento scientifico do paiz, — hoje, o chamado Museu Bocage é, sem duvida, por mais de um titulo, distincto e considerado entre os outros da Europa. Por isso tambem ficará elle sendo, a um tempo, o testemunho mais significativo e valioso do trabalho e do saber do maior zoologo portuguez, e apropriado monumento á sua memoria.



A bibliographia do professor Barbosa du Bocage é bastante extensa. Na lista das suas publicações zoologicas catalogam-se muito proximo de duzentas memorias, na maioria trabalhos modelares de systematica, em que á profundeza da investigação que



Barbosa du Bocage com sua esposa e filho (photographia tirada em 1895)
—O chalet de Cintra onde a 'amilla Bocage costuma passar o verão

representam não corresponde, na verdade, a largueza do julgamento philosophico, mas que contem uma larga série de factos e documentos novos de alta importancia, dos quaes a sciencia pôde colher varios resultados especulativos e applicações praticas.

As primeiras d'essas publicações, na ordem chronologica, referem-se á fauna nacional. O incansavel naturalista estudou todas as classes de vertebrados de Portugal.

Em 1863 na *Revue et Magasin de Zoologie* de Guérin Meneville publicava a noticia de 39 especies de mamíferos, que até então observára no paiz. N'uma memoria anterior deixára já resolvido o problema da cabra montez do Gerez, que Link tomára pela especie *aegagrus* do Caucaso, mas que é identica á *Capra hispanica* de Schimper, a cabra das montanhas da Andaluzia, porventura simples variedade da *Ibex alpinus* de Gervais. No anno seguinte, em outra memoria, estudava a familia dos Arvicolas, dotando o respectivo genero com uma especie inedita. Os Arvicolas são os pequenos mamíferos vulgarmente denominados «ratos do campo» e que se differencam dos verdadeiros ratos pelas suas orelhas mais reduzidas e quasi encobertas pelos pêlos da cabeça, pela fórma do focinho, e pela cauda curta. Um intelligente e malgrado amador da historia natural, cujo nome bastas vezes apparece nas galerias do nosso museu, José Maria Rosa de Carvalho, é que capturou no sitio de Geria, immedições de Coimbra, o exemplar que o professor Bocage descreveu como especie nova com o nome de *Rozianus* em homenagem ao collector conimbricense. O sr. Lataste, que o estudou depois,



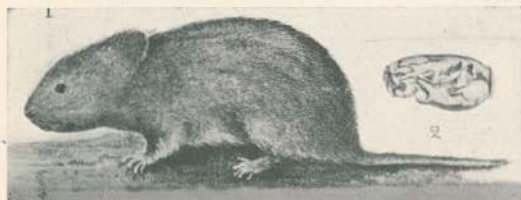
Chioglossa lusitanica Bocage



Retrato de 1861



Hyalonema lusitanica Bocage



Arvicola Rozianus Bocage, e craneo respectivo. Estampa reproduzida da Noticia acerca dos Arvicolas de Portugal, por não existir actualmente exemplar d'esta forma no Museu

considerou-o, porém, identico ao *Arvicola agrestis*, especie que se encontra effectivamente no districto de Coimbra, e que é sabido poder apresentar grandes modificações nas proporções e na cor, tendo já essa circumstancia dado logar a algumas variedades, que serviram a diferentes auctores para estabelecerem novos nomes especificos, serem posteriormente incluídas na sua respectiva synonymia. Mais tarde, em todo o caso, o autorisado especialista sr. Trouessart, e com elle o sr. Anthero de Seabra, quando procedeu á revisão da nossa fauna mam-



mologica, entenderam dever manter o *Arvicola Rozianus* como uma variedade distinta da especie linneana.

Ainda antes da dos mamíferos, Barbosa du Bocage tinha organizado uma lista das aves até então encontradas em Portugal e das que, por estar verificada a sua existencia em Hespanha e no meio-dia da França, viriam presumivelmente a encontrar-se tambem. E' este, igualmente, o primeiro catalogo moderno da nossa fauna ornithologica, antecedendo seis annos o de Smith. Comprehende 326 especies, quasi todas acompanhadas dos respectivos nomes vulgares. A ultima catalogação que conhecemos, no livro do professor Manuel Paulino d'Oliveira *Aves da peninsula iberica*, attinge o numero de 402 especies, mas algumas d'estas não são pertencentes á fauna do paiz.

Conjunctamente com os mamíferos appareceram tambem, na revista de Guerin Menneville, as listas de



Um aspecto da sala que contem as collecções de Angola, no Museu Bocage
—O Pelicanus Sharpei, da Africa Occidental, especie nova classificada pelo professor Bocage

20 especies de reptis e de 11 de amphibios, e no anno seguinte, ainda no mesmo jornal e nos *Proceedings* da Zoological Society de Londres, a noticia

bibliographico decerto, mas com resultado mais proficuo, de seguro tambem.

Dos invertebrados só accidentalmente se occupou, e em bem raros ensejos, o mestre. Mas, foi exactamente n'essa divisão zoologica que elle realisou uma descoberta do mais alto alcance scientifico, em virtude da qual o seu nome se encontra citado sempre na parte historica de todos os livros que se occupam das modernas explorações submarinas. O facto é, geralmente, conhecido dos zoologistas, mas torna-se conveniente relatá-lo ao publico estranho a taes assumptos.

Era opinião corrente, accete na sciencia como dogma de fé, que a vida não descia, no seio do oceano, de 300 braças (*fathoms*) para baixo. Assim o

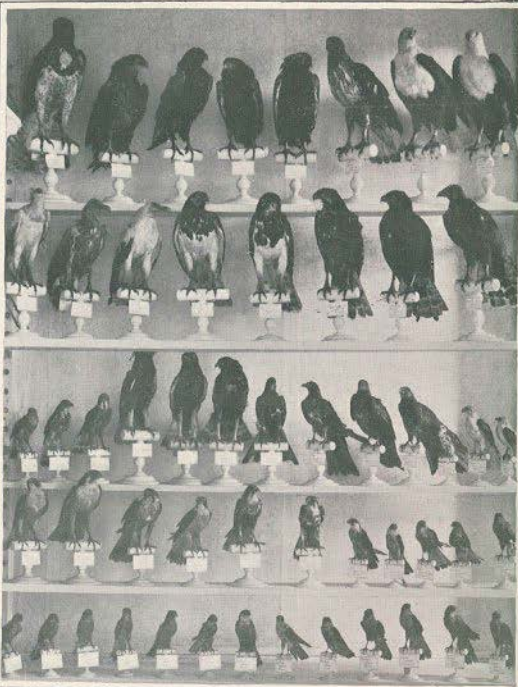


da descoberta de um novo batracio, para o qual houve necessidade de fundar um genero intermediario entre os Tritons e os Geotritons. Trata-se de uma graciosa salamandra, de corpo comprido e estreito, de cor preta, mas com duas largas raias dorsaes de bello vermelho acobreado, que se prolongam em uma só sobre a extensa cauda, e avança na cabeça, curta e de focinho arredondado, até aos olhos, bastante proeminentes. Esta interessante fôrma, que recebeu os nomes generico e especifico de *Chioglossa lusitânica*, encontra-se com frequencia no Alemtejo, Elvas e Beira, tendo sido achada tambem no Bussaco e no Gerez.

Ainda n'este anno de 1864 Barbosa du Bocage começava o estudo dos Esqualos dos nossos mares com Felix de Br'to Capello, publicando as diagnoses de varias especies ineditas. Em 1861, na memoria intitulada *Peixes plagiosomos*, os dois collaboradores descreviam 27 especies de esqualos, entre as quaes algumas novas, como fazendo parte da fauna ichtiologica do paiz.

Todas as classes dos nossos vertebrados foram, pois, como se vê, e como melhor o comprova o Museu da Escola, estudadas por Barbosa du Bocage, que fez assim, para Portugal, o mesmo que o illustre naturalista Victor Fatio fez para a Suissa, com menos apparato

assentára, com pretensas provas, o inglez Forbes, em um livro famoso sobre a historia natural dos mares, e assim era unanime e indiscutivelmente acre-



O professor Bocage no gabinete de trabalho da sua casa de Lisboa — Aves de Angola: um aspecto da collecção típica na respectiva sala do Museu Bocage

ditado. Se apresentassem este postulado científico aos nossos rudes pescadores de lixas de Setubal, que imergiam os seus espinheis para muito mais do dobro d'aquella profundidade, esses é que é bem natural que sorrissem da grosseira illusão. Mas, ninguém lhes ia, evidentemente contar tal coisa, nem a experiencia d'elles tinha, por sua vez, qualquer fôro de cidade nas academias; e os maravilhosos esplendores do mundo submarino continuavam, portanto, encerrados no seu mysterioso silencio, inteiramente ignorados. A vida, comtudo, pululava, mais numerosa ainda

tes. O assombro que causou a revelação d'essa descoberta não será facil descrevel-o hoje. O proprio mestre o accentuou, na sua linguagem discreta, singelamente, em um artigo publicado oito annos depois no *Journal* da nossa Academia, confessando até com sinceridade o seu escrupulo em indicar desde logo precisamente o habitat bathymetrico dos «chicotes do mar», depois verificado pelo prof. Percival Wright, de Dublin, que veiu a Portugal de proposito para verificar o facto, que ao tempo foi considerado inacreditavel, e hoje constitue uma das mais bellas paginas escriptas por nós na historia da sciencia.

O *Hyalonema lusitanica* é uma esponja pertencente á familia Hyalochaetides, estabelecida por Brandt, e até então supposta exclusiva dos mares do Japão, onde as primeiras especies do genero foram descobertas por Gray. Consta de um eixo composto de compridos fios hyalinos com toda a apparencia de filamentos vitreos e de um corium polypigerum, que reveste em parte esse eixo. O seu comprimento total é de 63 centimetros, sendo, por conseguinte, maior que os outros hyalochaetidos conhecidos.

A descoberta feita por Barbosa du Bucage na nossa costa d'essa curiosa esponja abissal é um dos marcos miliarios no caminho aberto ha meio seculo aos estudos biologicos, e marca o inicio do grande movimento scientifico que elles representam.

A outra parte fundamental da bibliographia do illustre professor, e a mais numerosa tambem,



Aves de Angola: aspecto da collecção típica na respectiva sala do Museu Bocage

que sobre a propria terra, mais singular pela estranheza das suas formas, nos abysmos oceanicos.

Um dia, nos apparelhos usados para a pesca dos esquilos em Setubal, lançados a grande distancia da costa, e mergulhados até 6 ou 700 braças, appareceu um animal raro e exquisito, que foi enviado ao professor de zoologia da Escola Polytechnica e director do nascente Museu de Lisboa. Foi isso em 1863, mas, a memoria e as noticias que se referem á descoberta do *Hyalonema lusitanica* só foram publicados nos dois annos seguin-



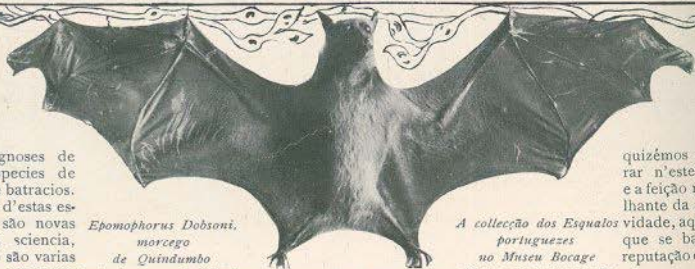
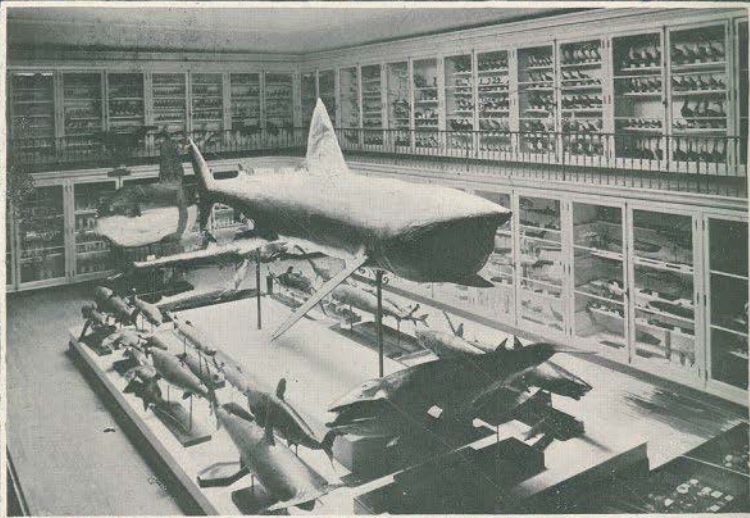
O professor Bocage, no seu gabinete de trabalho, tendo ao lado um cão que particularmente estimava

é a que se occupa da fauna das nossas possessões ultramarinas, especialmente das tres primeiras classes dos vertebrados: mamíferos, aves e reptis. Consta de uma innumeravel quantidade de memorias, pela maior parte impressas no *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, e de dois trabalhos de mais largo tomo: a *Ornithologie d'Angola* e a *Herpétologie d'Angola et du Congo*. A primeira d'estas obras consigna os resultados da exploração de José d'Anchieta realizada durante o longo periodo de 1867 a 1881 na provincia de Angola, e descreve 673 especies de aves. A segunda contém



bosa du Bocage foi, de resto, entre os naturalistas modernos um dos que mais estudou a fauna tropical, sendo, por isso, considerado uma auctoridade da mais alta competencia na materia.

Caberia aqui dizer tambem algumas palavras sobre o conselheiro José Vicente Barbosa du Bocage como homem politico, a respeito do papel honroso por elle desempenhado como ministro da marinha em 1883, dos estrangeiros em 1884 e em 1890, e muito poderia escrever-se certamente em seu louvor n'este sentido tambem. Foi, porém, o homem de sciencia apenas que



as diagnoses de 185 especies de reptis e batracios. Muitas d'estas especies são novas para a sciencia, como o são varias outras que constam das demais memorias. Bar-

Epomophorus Dobsoni,
morcego
de Quindumbo
(especie nova classificada
pelo professor
Bocage)

Photographia de Bocage, tirada na occasião em que foi pela ultima vez ministro

A colleção dos Esqualos
portuguezes
no Museu Bocage
(Colleção determinada
por
Bocage e Capello)

quizêmos considerar n'este artigo, e a feição mais brilhante da sua actividade, aquella em que se baseava a reputação europêa.

ARMANDO
DA SILVA.

(CLICHÉS DO DR. MAY FIGUEIRA, JOSÉ ROMA MACHADO, A. NOVAES E BENOLIEL)

ROSAS DE TODO O ANNO

PEÇA EM 1 ACTO DE JULIO DANTAS.
EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA.



SUZANNA (*Lucilla Simões*) — O D. Jacintho? Ai, credo, filha! Esse fala assim: — «Senhora prima, vossa mercê porque não usaos signaesinhos á franceza?» — Cidadinho, esse não.



IGNEZ (*Maria Falção*)—Dei-lhe tudo quanto uma mulher pode dar de ternura... Dei-lhe tanto da minha alma e de mim mesmo, tanto,—que tenho vergonha de o recordar! E enganou-me... E mentiu...



IGNEZ (Maria Falcão)—Sempre commigo, a toda a hora, no côro, no capitulo, na igreja, queimando-me a carre como uma blasphemia, — o retrato d'elle, a imagem d'elle, tudo quanto me resta d'elle... e de mim!

(CLICHES DA PHOT. VASQUES)

Mulheres Ilustres Portuguezas



A MARQUEZA D'ALORNA

Em todas as paginas da historia de Portugal refulgem os nomes gloriosos dos antepassados de D. Leonor de Almeida Portugal Lencastre e Lorena, que pela aristocracia do seu talento litterario e artistico deu relevo maximo a essas tradições genealogicas. O nome d'esta illustre escriptora, amiga e contemporanea de M.^{me} de Staël, ficará na historia da litteratura portugueza pela influencia que exerceu em volta de si, tendo alentado pelo seu gosto artistico espiritos exceptionaes, como Filinto Elysio, Bocage e Alexandre Herculano.

O nome da familia dos Almeidas está consagrado nos versos immortaes dos *Lusiadas*, quando Camões, referindo-se ao primeiro vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, inscreve:

.....OS temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.»
(Cant. I, est. 14)

A tradição emocionante do regresso de D. João de Portugal, longos annos depois da derrota de Alcaer Kibir, vindo encontrar sua mulher, D. Magdalena de Vilhena, casada com Manuel de Sousa Coutinho, que se divorciaram immediatamente, indo ella professar no convento do Sacramento, e Coutinho (com o nome de *Frei Luiz de Sousa*) no mosteiro de S. Domingos de Bemfica, espulha na genealogia dos Almeidas um grande colorido poetico.

Foram seus paes D. João de Almeida Portugal, 2.^o marquez de Alorna, e D. Leonor de Lorena, filha dos marquezes de *Tavora*. Nasceu em 31 de outubro de 1750. Terriveis circumstancias a submeteram á fatalidade tremenda de uma dictadura ministerial, que começou a exercer-se n'esse anno de 1750 e em que a aristocracia portugueza soffreu a degradação vergonhosa dos patibulos e das enxovas — confiscan-

do-se fortunas com simulados processos judiciaes, servindo o odio pessoal de Sebastião José de Carvalho, glorificado depois com o titulo de marquez de Pombal.

Decorreram os primeiros oito annos da sua infancia na sumptuosidade quando, repentinamente, a sua familia foi dissolvida: o marquez de Alorna arrojado ao horror de uma prisão de Estado, onde foi encontrado numerosos fidalgos quando estava em preparativos de viagem para seguir como embaixador para a corte de Luiz XV: sua esposa, D. Leonor de Lorena, enclausurada com duas filhas, uma de oito annos de idade, D. Leonor d'Almeida, e outra de sete, D. Maria d'Almeida, tambem victimas da *raison d'Etat*, no mosteiro de Chellas. Qual o seu crime para uma perseguição tão odiosa? D. Leonor de Lorena era filha da marqueza de Tavora, familia envolvida no supposto attentado da noite de 3 de setembro de 1758 em que foram disparados tiros contra uma carruagem que

salha do paço, dizendo-se que foram mandados dar pe o duque de Aveiro. O ministro de D. José aproveitou este incidente para pesar com todo o seu odio e poder sobre a aristocracia portugueza.

Entre as intrigas amorosas do paço fallava-se que era realista o galanteio entre o monarcha D. José e a mulher do marquez de Tavora, Luiz Bernardo. O rei tinha as suas sahdas systeriosas, nocturnas, em carruagem fechada, incognitamente, para combinados encontros.

Era isso usual nas côrtes, tanto em Paris como em Vienna (e actualmente em muitas outras...); em a aris ocracia se melindrava (nem melindra) com essas galanerias que redundaram em parentescos dynasticos. O ministro, sabedor do caso, comprehendeu

chado no paácio por algumas semanas, e ao fim de doze dias é que D. Luiz da Cunha, instrumento passivo de Sebastião José de Carvalho, deu parte ao corpo diplomatico, tendo sido preso, tres dias antes, na torre de Belem, o duque de Aveiro e o marquez de Tavora com seus filhos. Foram dadas ordens secretas para serem presos o marquez de Gouveia, D. João de Almeida, 2.º conde de Alorna, arrojado á prisão de Estado da Junqueira, procedendo-se seguidamente á prisão no referido carcere do conde de Obidos, condes da Ribeira e de San Lourenço, e outros mais titulares. O rancor do ministro estendeu-se até ás senhoras, esposas e filhas. Eis a situação em que, repentinamente, se dissolve a casa do marquez de Alorna.

Sem saber da sorte de seu marido, a marqueza de



Uma sala no palacio de Bemica (Estado actual)

que isso bast va para fundamentar da parte do marquez de Tavora e do seu parente, o duque de Aveiro, um serio resentimento. Em uma d'essas noites de galanteio, que o rei preparava, conservando-se recluso por *indisposição de saude*, e sahindo depois disfarçadamente do paço, foram d'sparados dois tiros contra a vulgar carruagem. Se os tiros não foram encommendados por habil intrigante politico, só podem ser attribuidos a engano dos fidalgos resentidos—que estando certos de que o rei estava recolhido, a carruagem levava o ministro que se retirava do paço. Tal foi o accidente da noite de 3 de setembro de 1758 (a que hoje podiamos chamar uma bem inventada *pavorosa*...) que ficou sem relevo, enquanto Sebastião José de Carvalho preparava o golpe fundamental. O rei ficou fe-

Alorna, D. Leonor de Lorena, é enclausurada com suas duas filhas no mosteiro de S. Felix, no valle de Chellas, ao fundo, na direcção norte-sul, entre os conventos da Madre de Deus e de San Francisco de Nabregas. O rigor policial do carcere ou bastilha da Junqueira era intentado em Chellas com ra aquellas reclusas pela pressão odiosa e asctica do vigario geral do patriarchado e arcebispo de Lacedemonia, exacto cumpridor das ordens absolutas do já então comde de Oeiras. Desde os fins de dezembro de 1758, até 24 de fevereiro de 1777, em que morreu D. José, acabando assim o governo do seu implacavel ministro, é que a clausura monachal e as prisões de Estado foram abertas ás victimas do despotismo pombalino. Dezenove annos soffreu D. Leonor d'Almeida a força da clau-

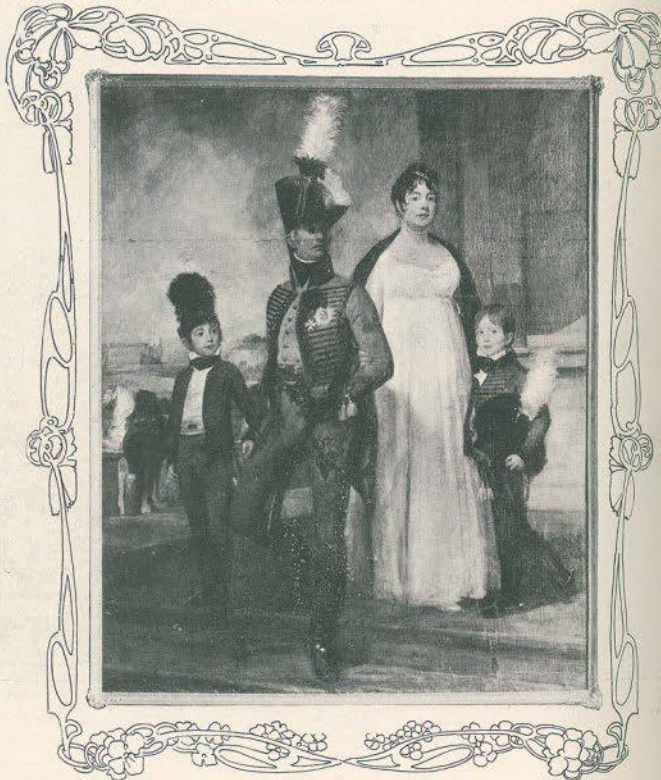
sura, passando a essa sombra lugubre a sua florescente mocidade, amparando sua mãe em prolongadas doenças e dirigindo o espirito de sua irmã, mais nova um anno, e como ella tambem intelligente. Esses annos, que pareciam interminaveis, teriam feito succumbir qualquer natureza feminina, inutilizando-se na apathia mental. O espirito de D. Leonor d'Almeida (Alcippe) reagiu; primeiramente, como enfermeira de sua mãe, alquebrada por constantes abalos Moraes; depois, como

enfermeira desvelada das madres — que se denominavam as *Agostinhas*; servia os cargos da *Ordem*, indo ao côro e desenvolvendo ali as suas prendas mus caes como organista. Desabrochava em D. Leonor d'Almeida, com a adolescencia, a belleza captivante, o sentimento artistico e o gosto pela poesia. A actividade intensa do seu espirito amedrontava a auctoridade ecclesiastica. E' bella e cheia de energia altivez a sua resposta ao bispo de Lacedemonia (e que tão commentada foi nos salões aristocraticos) quando o prelado a queria obrigar a cortar o cabello e vestir-se de negro — chegando a ameaçá-la com a ira do marquez de Pombal. Alcippe, sophismando a ameaça, perguntou: — «Qual marquez? O meu pae?» — Não, senhora, o marquez de Pombal. Foi n'essa occasião que, cheia de desdem, deixou cair de seus labios estes versos d'uma tragedia de Corneille:

«Le cœur de Éléonore est trop noble et trop franc
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.»

Lembraram-se, aproveitando a sua repugnancia pelo ministro de D. José, attrahil-a para o partido da reacção jesuitica, unica força capaz de perturbar o ministro. Tinha D. Leonor apenas quinze annos; facilmente lhe incutiram os terrores da perseguição pombalina, apresentando-lhe como unico refugio seguro a vida monastica, seduzindo-a a receber o véo preto. A pobre creança acreditava no que lhe diziam e ainda proferiu os primeiros votos. Sentiu-se levada para esse meio e chegou a submeter-se á pratica dos *exercícios espirituaes*, o instrumento empolgante com que a Companhia faz seus os que se submettem á sua obediencia. E, tão

suggestionada [se sentia Leonor d'Almeida que, por devoção especial, foram prolongados mais dez dias a pratica dos taes *exercícios espirituaes*, elevando-se a vinte. Era preciso que fosse uma natureza physicamente robusta e moralmente saudavel para resistir á violencia d'essa machina que leva a abdicar da propria consciencia, quebrando a vontade, para se reduzir deliberadamente a uma obediencia absoluta de um superior immediato.



O marquez de Alorna, pae de Alcippe, antes da sua prisão no forte da Junqueira

Assim como ha organisações refractarias a suggestão hypnotica, ha tambem naturezas rebeldes aos efeitos d'estes *exercícios espirituaes* (a catechese de hoje) e esses que resistem, por uma mentalidade superior, não podem ser admitidos na Companhia de Jesus. Foi isso que aconteceu á joven D. Leonor d'Almeida: o seu orgulho aristocratico fê-la revoltar contra o terror do sangrento ministro, quando com elle a ameaçavam no covento; e a sua saude moral e bom senso de uma intelligencia de *élite*, acordada muito cedo sobre as duras realidades da vida, achou n'essas representações imaginarias da queda dos *Anjos rebeldes* um expediente ridiculo.

Terminada a pratica dos *exercícios espirituaes*, D.

Leonor d'Almeida confessou a frei Alexandre da Silva a sua tibieza na vocação; o bom do frade de Brancas, que veio a ser bispo de Malaca, comprehendeu o seu temperamento poetico e recommendou-lhe que se dirigisse pelo conselho de sua mãe. Foi assim que se salvou do abysmo moral e grande espirito que, no nosso paiz, tanto relevo deu ao seculo XVIII. Frei Alexandre era poeta, como se vê pela epistola que lhe dirigiu, á qual respondeu Alcippe, com outra, em quadras, que começa:

Quem me diria, oh Silvio, que moravam
Contigo as bellas nymphas do Permissão,
Quando austeras idéas nos privaram
Do prazer de sentir-lhe ou dar-lhe preção?

cippe, a joven D. Leonor d'Almeida nos seus 17 annos.

Frei Alexandre da Silva relacionou a sua confessada com o genial poeta Garção, com Frei José do Coração de Jesus, *Almeida Sincera*, com o dr. Ignacio Tamagnini, *Alceste*, com o dr. Antonio Ribeiro dos Santos e outros que se lhe succederam—taes como o padre Francisco Manuel do Nascimento, *Filinto*, e Sebastião José Ferreira Barroco, *Albano*.

O fundador da *Arcadia Lusitana*, Pedro Antonio Correia Garção, cuja familia tinha relações com a do ministro de D. José, tendo-se recusado a aceitar um despacho do conde da Oeiras, incorreu no seu odio, vindo a ser victima do insulto. Garção achou-se da parte dos perseguidos; amigo intimo do conde de San



O palacio da sr.^a marquesa da Fronteira, em Bemfica

Ferruginosa a lyra descançavas
Sobre montes de livros moralistas,
E as mimosas camenas assustavas
Com textos, com sentenças imprevistas.

Agora teus dictames mais benignos
Não se vestem de ascetica arrogancia;
Com versos, que de Apollo foras dignos,
Mandas que eu cante, e aterra a ignorancia.

Quem era este frade bondoso, que usava o titulo de poeta arcadico *Silvio* e que foi bispo de Malaca? Por esta ultima circumstancia sabemos que era o tio e mestre de Almeida Garrett, o iniciador da epoca romantica em Portugal. Em uma carta de Garrett a José Maria da Costa e Silva tracejou uma rapida biographia d'este tio, que tambem foi o cultor do genio de Al-

Lenrenço, a quem dedicara uma das melhores satiras, apparece-nos felicitando o formosissimo talento de D. Leonor de Almeida, filha primogenita do marquez de Alorna, então soffrendo os horrores da Bastilha da Junqueira.

A ode *XV Aos annos da Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor de Almeida* fixa o momento em que, embora fechada na clausura de Chellas, resplandeceu o seu talento e gentileza. Commemorara a data de 31 de outubro: «De Alcippe o claro dia». Vê-se que era saudada por Garção com o seu nome arcadico:

Emquanto a densa nevoa do futuro
Não rouba a luz de tão feliz instante
Por mais que as azas mova o tempo duro
Intrepido, arrogante;

Da illustre Alcippe bella, o claro dia
 Pretendo assignalar com faustas glorias,
 De nossos arcos o Destino fia
 O louro das victorias.

Em que anno escreveu Garção esta bella ode? Não apparece colligida no manuscrito de 1767; e em 8 de abril de 1770, era Garção preso por ordem do marquez de Pombal, morrendo no Limoeiro a 10 de novembro de 1772, sendo mandado depois alvará ce

litteratura não podia exprimir pensamentos nem dar expansão á verdade dos sentimentos; a sensibilidade affectada suggeriu uma emphase fria, quasi caricatura da paixão. Eis aqui porque, no seculo do despotismo, a compressão do poder é simultanea com abundante expressão litteraria pseudo-classica, em que todos faziam versos ou orações academicas para falarem e não dizerem nada.

Eram tambem frequentes, n'esta época, as festas



Marquez de Alorna, pae de Alcippe

soltura, ludíbrio do desposta para tão horrosa iniquidade. A *Ode* foi escripta quando a belleza de *Alcippe* se tornava deslumbrante. Completava os seus dezoito annos. Foi feita (isto nos affirma Theophilo Braga) em 1768; Garção retocou esta *Ode*, como se vê pelas variantes do manuscrito do Conego Figueiredo.

Invocando o destino, na estrophe final, mal sabia que se approximava a hora do anniquilamento, presentindo a victoria do grande e original talento de *Alcippe*.

N'esta época de tremenda oppressão despotica a

dos *Outeiros*—quando se faziam as eleições dos abadeçados ou nas festas religiosas dos seus santos patronos.

Uma dama ou freira soltava um verso, a que se chamava *mote*; e os poetas galanteadores, sobre elle, e engastando-o com conceito final, improvisavam quadras e decimas em redondilhas ou em endecasyllabos, se o *mote* era de dois versos, chamavam-lhe *Colchêa*, mas, em geral, os *motes* eram quadras glosadas em quatro decimas. Foi o genero poetico mais querido dos litteratos e damas do seculo XVIII. Reinava a *Aca-*

lensia lusitana quando se revelou o genio poetico de Alcippe e muitos dos seus socios mantiveram as mais delicadas relações com a joven filha do marquez de Alorna. Na vida insipida do convento de Chellas o seu espirito fulgurante fugia para o grande mundo.

A belleza de D. Leonor de Almeida e de sua irmã D. Maria (depois condessa da Ribeira Grande), menos bella mas muito mais apaixonada pela musica, atrahiam a Chellas todos aquelles espiritos cultos, que iam alli protestar contra o despotismo do marquez de Pombal; outros, mais sensiveis, eram atrahidos pela sedu-

de F. (D. Leonor de Almeida) para que tantas vezes tinha sido convidado; que desatino que não vi? Mas não direi tudo quanto vi; direi sómente e cantavam mancebos e donzellas cantigas de amor tão descompostas, que correi de péjo como se me achasse de repente em bordeis ou com mulheres de má fazenda. Antigamente ouviam-se e cantavam os meninos cantilenas guerreiras, que inspiravam animo e valor...

Hoje, pelo contrario, só se ouvem cantigas amorosas, de suspiros, de requebros, de namoros refinados, de garralices. Isto é com que embalam as crianças; o

que ensinam aos meninos; e o que cantam as moças e o que trazem na bocca donas e donzellas.

Que grandes máximas de modestia e temperança, e da virtude aprendem n'estas Canções. Esta graça é hoje geral, depois que o Caldas começou de pôr em uso os seus romances e de versejar para as mulheres (1763). Eu não conheço um poeta mais prejudicial á educação particular e publica do que este trovador de Venus e Cupido, a tufalaria do amor, a meiguice do Brazil, e em geral a molleza americana, que faz o caracter das suas trovas, respiram os ares voluptuosos e Paphos e de Cythera, e encantam com venenosos philtros a phantasia das moças e o coração das damas.

Ribeiro dos Santos na sua severidade caracterizou bem esta poesia langorosa, que dominava nas assembleas freiraticas e fidalgas. Filinto Elyσιο tambem revelou a sua má vontade contra o prestígio de Caldas, por causa dos seus versos em redondilhas — *maus versos antigos*, a *ans Neri-nas*.

Eram deslumbrantes os outros de Chellas quando começaram as intrigas amorosas entre dois poetas conhecidos, com Daphne e Alcippe, as duas filhas do marquez de Alorna. Por *Odes* trocadas poderíamos aqui apresentar o quadro d'esse incidente galante, mas abtemo-nos, por não vir a proposito essa narração.

Além dos socios da Arcadia, havia muitos e bons poetas, entre os quaes se distinguia Francisco Manuel do Nascimento. Este e os seus amigos começaram a encaminhar-se para Chellas repetindo ali os seus versos, pedindo *notes* ás freiras, esperando n'essas occasiões encontrar Alcippe e ouvir a n'alguma grade. Com



D. Leonor de Almeida, condessa de Oyenhansen e marquesa de Alorna (Alcippe)

ção d'aquelles talen os femininos, que tambem se denominaram pelos titulos arcadicos de *Alcippe* e *Daphne*.

Almeida, Frei José do Coração de Jesus, amigo intimo de *Silvio*, o confessor de Alcippe, lembrou-se de convidar o grave dr. Antonio Ribeiro dos Santos (*Elyσιο Duriense*) para ir admirar o talento e graça da nova poetisa D. Leonor de Almeida. O gelido cathedratico e clerical doutor deixou em uma carta particular, de que ficou copia entre os seus manuscritos, hoje guardados na Bibliotheca Nacional — a sua impressão pessimista:

«Meu amigo. Tive finalmente de assistir á assembléa

efeito appareceu, brilhou e confundiu alguns dos seus admiradores. Data d'ahi o nome com que elles a celebraram e com que ficou conhecida entre os poetas portuguezes, assim como pelo de *Daphne* sua irmã D. Maria d'Almeida.

Frei Alexandre da Silva (Sylvio), o tio de Garrett, tambem convidára o dr. Antonio Ribeiro dos Santos a vir frequentar estes bellos passatempos litterarios de Chellas, mas pensando na intrigas amorosas que nas-

os seus versos pela voz de D. Maria d'Almeida que elle celebrou loucamente com o nome de *Daphne*. Com Francisco Manuel do Nascimento andava, tambem, um mancebo formado em leis, Sebastião José Ferreira Barroco, versejador arcadista, com o nome de *Albano*, que se apaixonou ardentemente por D. Leonor d'Almeida. Theophilo Braga, o erudito mestre da nossa litteratura, que estudou a vida e obras de Filinto Ely-

sio, descreve minuciosamente o desenvolvimento d'estes amores que em parte acabaram tragicamente. Filinto teve de fugir á inquisição em 4 de julho de 1778, abandonando Portugal para sempre, por influencia de *Naire*, nome que dá a certo titular que se servira do poder da mão negra do fanatismo. Barroco, em 1777, partiu, repentinamente, para a Bahia, despachado desembargador.

Por fins de 1776 teve o rei D. José um ataque de paralyisia na lingua, que por uma hypertrophia já não lhe cabia na bocca. Estava a findar, portanto, a pressão despotica de Sebastião José de Carvalho.

Por decreto de 29 de novembro de 1776 entregou o governo a D. Marianna Victoria, sua mulher. Era o fim do valimento de Pombal. Desde 4 de dezembro não entrou mais na camara real. Em 24 de fevereiro de 1777 succumbe o rei D. José, recebendo em 4 de março uma abrupta demissão o marquez de Pombal, substituindo-o no ministerio o visconde de Villa Nova da Cerqueira. Abriam-se os carcerees e as clausuras para os prisioneiros politicos. D. Leonor de Almeida sahio de Chellas com vinte e sete annos, tendo desde os oito annos de idade passado a sua bella e insinuante mocidade como prisioneira de Estado em um convento. O marquez de Alorna, velho e alquebrado, solto da Junqueira, reuniu-se temporariamente, com a sua familia dispersa, na concentração de tantos annos de separação, na sua bella quinta de Almeirim, d'onde o foram arrancar para novas luctas na corrente de reacção chamada a *Viradeira*, periodo tambem odiado pelos ataques contra o marquez de Pombal por todos quantos o louvaram, com excepção de um poeta, sr. José Bazilio da Gama, o auctor do poema o *Uruguay*.

OLGA MORAES SARMENTO DA SILVEIRA.

(De um livro prestes a apparecer).



A sr.^a marqueira de Fronteira e de Alorna (D. Maria de Mascarenhas Barreto), actual representante de D. Leonor d'Almeida

ciam ao som das voluptuosas *modinhas*—o secco erudito e implacavel versejador respondeu-lhe em uma carta conhecida.

O erudito cathedratico, que metrificava sem alma, não tinha razão para não apreciar os versos de *Alcippe*, uma musa de vinte annos. Com certeza Ribeiro dos Santos passou pela vida sem ter amado uma mulher... As duas irmãs incendiaram as almas de dois poetas: Francisco Manuel Nascimento, ouvindo cantar

Modas



Modas. Béchoff
David

*Mano de Irlanda
da guarnecido
de marta e rendas de ouro e prata
(CLICHÉ FÉLIX)*

COM o inverno começam naturalmente a exhibir-se as novas *toilettes* da estação, e, em especial, com o início dos espectáculos apparecem os sumptuosos mantos para saída do theatro, com que as mulheres elegantes paramentam as suas graças friorentas, e que na realidade dão um nobre e glorioso relevo á sua belleza. Para guarnecel-os, o gosto continua a preferir as pelles, desde a da marta, relativamente vulgar, até á da raposa azul, cada vez mais rara. A moda, que determina já tão pavorosas hecatombes no mundo orchestral dos passaros, para enfeitar os chapéus, custa assim, tambem, a vida a mais um grande numero de entes, alguns d'elles bem inoffensivos e doces como o pequeno esquilho que vive nos altos planaltos da America do Sul, em particular do Chile, cuja pelle espessa e fina é conhecida dos costureiros e modistas pelo nome de chinchilla.

A marta, que é uma especie animal wizinha da nossa fuinha commum (cujas pelles tambem se aproveitam),

é de todos os mamíferos que são sacrificados com semelhante destino aquelle que temos mais perto ao nosso dispôr e em maior abundância. As suas pelles são, em consequencia, as mais usadas e as de preço mais accessivel, comquanto algumas, prove-



Modas Beer. Vestido de tulle branco e Liberty branco, bordado de flores e velludo branco (CLICHÉ FÉLIX)

nientes de exemplares dos altos vales dos Alpes, bem pintadas e lustradas, passem de vez em quando por verdadeiras zibellinas e sejam vendidas como taes.

A pelle negra da zibellina é effectivamente, muito mais apreciada pela maior difficuldade da sua conquista nas solidões geladas da Siberia ou de Kamtchatka. Mais custa, porém, a obter ainda a da raposa azul, que só se encontra, em pequeno numero, nas margens do mar Glacial, e cuja caça apresenta mais de uma difficuldade.

A esta série de martyres cumpre juntar ainda a herminia, uma variedade de doninha, cuja pelle de côr parda avermelhada no verão se torna branca no inverno, para sua irremediavel desgraça. Ainda a ha nos Alpes tambem, mas são as da Noruega, da Siberia e da America Septentrional as que se aproveitam quasi só, por ser o seu pêllo mais alto e mais espesso.

Os infelizes bichos, trucidados porque são bellos, ao contrario do sapo, que o é, coitado, por ser feio!

RÉJANE



LISBOA vai experimentar novamente o prazer delicado de ouvir a grande actriz que é Réjane em algumas das suas mais celebres e recentes criações theatraes.

Os que não tiveram ainda a fortuna de vêr representar a Réjane não pôdem avaliar, decerto, a superioridade excepcional do seu talento, a impecavel correcção do seu desempenho, a vastidão de recursos scenicos que a primorosa artista possui; mas não desconhecem a sua consagração como uma das mais indiscutíveis glorias do theatro francez moderno, a sua fama hoje universal, e por isso receberão tambem a noticia da serie de espectaculos que ella vai dar no D. Amélia com o mesmo antegosto de satisfação que sentem os que vibraram já empolgados pelo

intenso poder suggesticnante do seu jogo dramático.

A Réjane é, de facto, uma verdadeira rainha da arte, uma das mais poderosas voçações de theatro e admiravelmente completada pelo estudo persistente e consciencioso. Barbey-d'Aurevilly, que lhe prophetisára bem cedo o destino soberbo da Rachel, não se enganou demasiado no vaticinio seguramente. Mas o esforço e a tenacidade que Gabriel-Réju—tal é o nome autentico da illustre Réjane—precizou dispender até cumprir-se o augurio do mais requintado critico do theatro contemporaneo, constituem, por si, um exemplo que não é menos extraordinario que o seu talento. A bem poucos custou tanto a triumphar!

Réjane pôde dizer-se que nasceu no theatro. O pae, que parece chegára a representar, e a mãe eram empregados do Ambigu. Pequenita, dormia no theatro, ao pé da mãe; de-





pois, ao passo que crescia, ia-se familiarizando com a vida dos bastidores, assistia aos espectáculos, e na sua intelligencia de creança, facilmente impressionavel, lançava assim semente o desejo, que havia mais tarde de revelar-se invencivel de ser tambem actriz. O pae morreu, a mãe saiu do Ambigu, e ella entrou para um collegio. Manifestou uma comprehensão facil e estudava com vontade, só não conseguindo aprender jámais a costura e os bordados. A mãe pensava então em fazel-a professora, e a dona do collegio chegára a prometter tomal-a como ajudante, logo que fizesse os exames, com o ordenado de 40 francos por mez. Seduzida por esta perspectiva, madame Réju respondia invariavelmente á filha, quando esta insistia em querer seguir a carreira do theatro: «Quando se te offerece uma carreira tão honrosa e lisongeira, não tens o direito de fazer de tua mãe uma mãe de actriz!» Diz-se que Réjane, chegada ao triumpho, ganhando os exorbitantes vencimentos das estrellas, costumava, como inoffensiva vingança, repetir á mãe, de todo convertida, como é de suppôr, e bastante orgulhosa até de ser mãe de uma actriz, a sua phrase desdenhosa de outr'ora.

O certo é que a joven Gabriella se mostrou tão teimosa e por tal forma decidida, que a mãe não teve outro remedio senão transigir afinal com a





apareceu no cartaz substituído pelo de Gabriella Réjane. O seu verdadeiro debutte, porém, foi, depois de concluído o seu curso, em que recebeu o segundo premio, no Vaudeville a 25 de março de 1875, na *Revue des Deux Mondes*.

Ha trinta e dois annos. N'aquelle theatro reinava então a Bartet, e, apesar de alguns successos de segunda ordem, um dos quaes nas *Lionnes pauvres* de Augier, a nova actriz não conseguiu, em oito annos, conquistar um primeiro logar. Veja-se que força de vontade e que firmeza na sua idéa não necessitou Réjane para alcançar o triumpho.

Ao cabo d'esses oito annos quasi improductivos, passou para o theatro das Variétés, e ao mesmo tempo ia fazer a *Glu* de Richepin no Ambigu e a *Ma Camarade* no Palais Royal. Começava a ser discutida e o seu talento a impôr-se ao publico. Quando fez, no Odeon, a *Germine Lacerteux* de Goncourt, a sua consagração tornou-se definitiva. D'ahi por deante a carreira theatral de Réjane é soavelmente conhecida para que se torne necessario recordal-a aqui.

sua vontade. Mas, apresentada a Regnier, o velho mestre tentou tambem dissuadil-a do seu proposito. Pareciam todos apostados para arrancar ao theatro a postulante que tanto lustre devia trazer-lhe. Felizmente nenhuma contrariedade a desalentou, tão forte era a sua fé e tão ardente o seu enthusiasmo. Entrou para o Conservatorio, onde seguia o curso de Regnier, de quem igualmente começou a receber lições particulares. Um dia, o mestre, reconhecendo o temperamento privilegiado da discipula, recusou-lhe o pagamento d'essas lições e tornou-se d'ali por diante um protector desvelado e um professor incançavel para ella. Réjane deve bastante aos ensinamentos de Regnier, que ainda depois da sua entrada para o theatro se manteve sempre para ella um amigo dedicado e um conselheiro competente, aperfeiçoando-a muitas vezes na interpretação dos seus papeis.

Quando ainda estava no Conservatorio. Réjane representára em diversas occasiões, com os seus discipulos, nos theatros dos arredores de Paris. Foi até em Chartres que, pela primeira vez, o seu nome pouco euphonico e nada brilhante de Gabrielle Réju



LÁ POR FÓRA



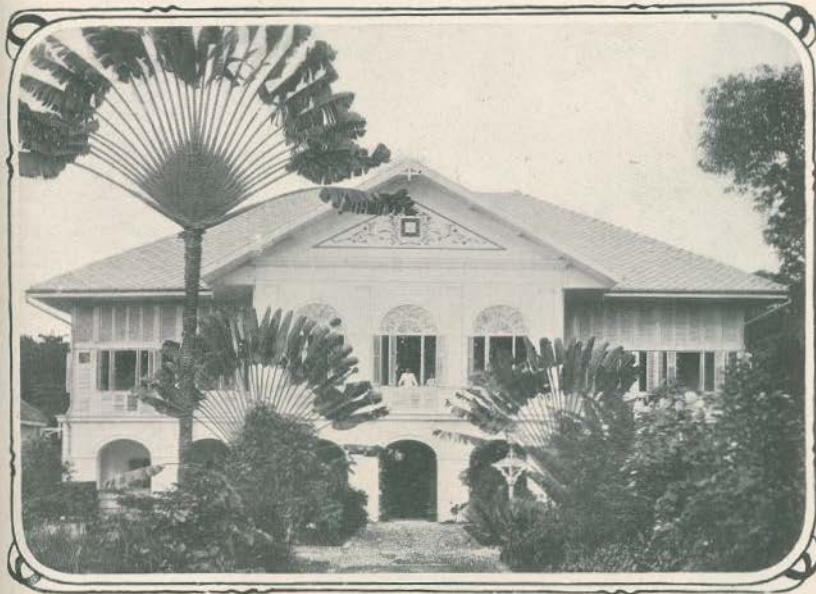
A photographia que reproduzimos mostra um curioso aspecto da enorme affluencia e do movimento que se produz cada manhã nas proximidades das Halles, o grande mercado de Paris

CLICHÉ M. ROLL & C.^{ie}

LÁ POR FÓRA



O caos Pharaux, no Rio de Janeiro, onde desembarcará o Rei de Portugal na sua proxima visita ao Brazil



O consulado de Portugal em Bangkok

A casa do consulado de Portugal em Bangkok, da qual apresentamos uma photographia, foi começada a construir em 1860 e dada por prompta em 1868, só ficando, porém, definitivamente concluída em 1875.

Tendo, em janeiro d'este anno, desabado uma parte do tecto, por occasião de umas fortes chuvas e trovoadas, teve, por isso, de ser reconstruída toda, por se achar carcomida a propria parte que resistira.

A realisação d'estas obras, mudando radicalmente o

aspecto triste, pesado e monotono da antiga casa, dá-lhe actualmente um tom alegre, bonito e magestoso, especialmente pela frente, cuja fachada central do tecto termina em fórma de triangulo á moda d'um chalet.

Pôde-se dizer hoje sem receio que em qualquer parte do mundo é um palacete soffrivel, e em Bangkok fica acima dos outros consulados estrangeiros que ali possuem casas para legação e residencia dos respectivos ministros.

QUANTO CUSTOU A LIBERDADE



1832
José Xavier Mouzinho
da Silveira

D. Pedro IV



1907
João Franco Custello
Branco

Em todos os paizes o estabelecimento da liberdade tem custado perdas avultadas de vidas e de fazendas, bastantes prejuizos pessoas e de interesses, e só quando os historiadores organisam o respectivo balanço é que se avalia então o preço elevado por que ficam aos povos as suas conquistas do direito publico.

Por mais cara, apesar d'isso, que a liberdade fique a qualquer nação, jamais esta se arrepende dos sacrificios que por ella fez * * * * *
O que custou a Portugal a liberdade? Eis uma pergunta a que seria interessante, evidentemente, dar a resposta * * * * *

O início das idéas liberaes em Portugal data-se geralmente de 1820. A revolução franceza influencia nos espiritos e a predominancia ingleza na regencia do reino imitava os. A execução de Gomes Freire em 1817 causará o effeito de uma provocação. Fernandes Thomaz organisou no Porto o Sinédrio, com Borges

Carneiro, Ferreira Borges, o general Sepulveda e outros officiaes militares, para preparar a revolução. Esta rebentou finalmente em agosto de 1820, e alastrou sem difficuldade, e pôde dizer-se que quasi sem opposição, por todo o reino. A regencia sumiu-se; Beresford, que voltava do Brazil não chegou a desembarcar; a junta gover-

nativa mandou convocar as côrtes constituintes. Depois de muito tempo de indecisão, a revolução de Hespanha, da qual resultou Fernando VII jurar a constituição de Cadiz, fôra o exemplo que determinara o nosso movimento e as coisas harmonisaram-se cá igualmente do mesmo modo simples. D. João VI quando regressou jurou tambem a constituição feita pelo congresso de 1821 a 1822, que entre outros principios democraticos consignava a liberdade individual, a liberdade de imprensa, o direito de propriedade, a inviolabilidade da casa do cidadão, a igualdade perante a lei, a livre admissão aos empregos, a abolição dos privilegios.

Todas estas conquistas liberaes haviam sido, porém, obtidas com demasiada facilidade, para que podessem perdurar. A constituição de 1820 foi abolida, depois de varios pronunciamentos militares, e d'ahi resultou a primeira emigração.

das, incommodos e sacrificios pessoais, prejuizos e perdas de propriedade e de dinheiro. Comprehen-de-se que laborioso trabalho de investigação representaria uma tentativa de apuramento completo, que de resto, se não coadunaria tambem com a indole d'este jornal. Por isso são só os factos mais salientes, os numeros mais expressivos que nos limitaremos a apresentar, e esses numeros, sempre que os possamos reproduzir, dal-os-hemos até descarnados por desnecessitarem na verdade qualquer commentario.

Muitas coisas não podem, contudo, expressar-se por numeros, como, por exemplo, as perseguições e soffrimentos que experimentaram os liberaes durante o periodo do governo de D. Miguel. Para extinguir a epidemia do liberalismo, — como dizia o tragico conde de Basto, — praticaram-se as maiores violencias e crueldades. Quando a causa da rainha

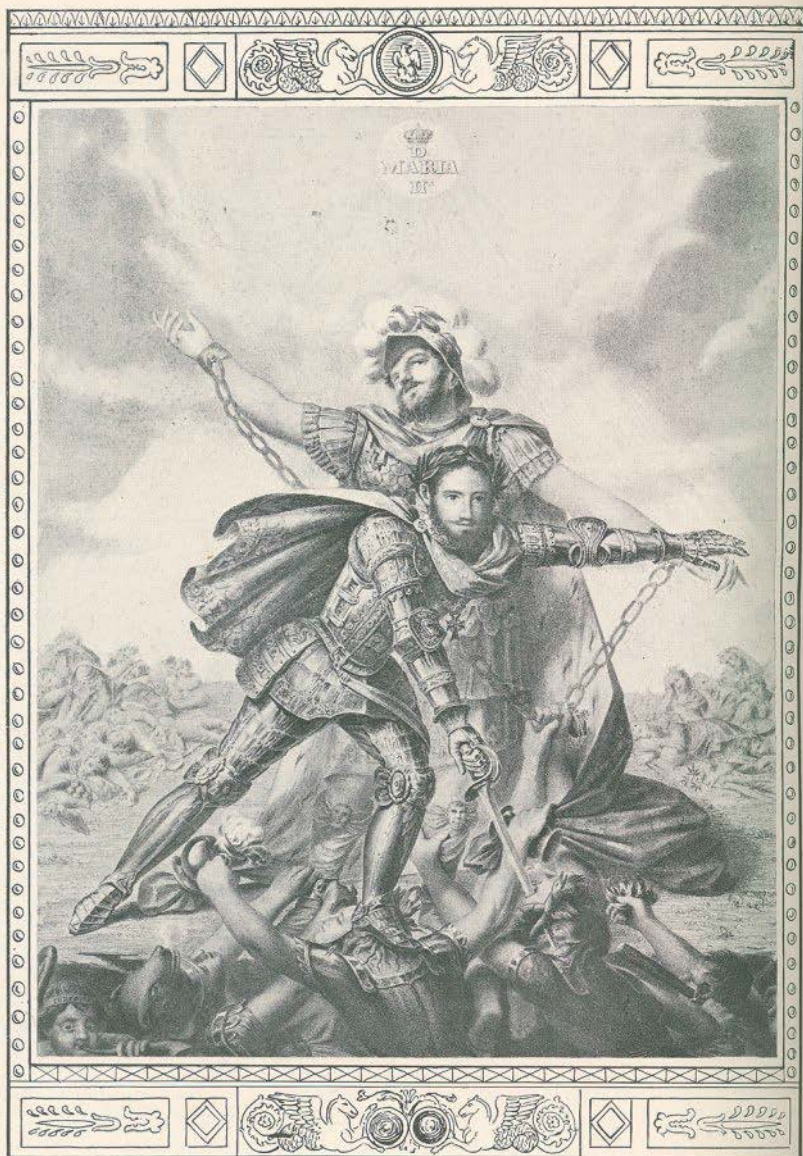


Reprodução de uma lithographia do tempo de Costa Cabral, que se vê á esquerda.
A figura da direita é o conde de Bomfim

A morte de D. João VI, em 1820, é que veio, porém, abrir a larga epoca, primeiro de sublevações militares, e depois de prolongada guerra civil, a longa serie de successos calamitosos que nos custou o estabelecimento do regimen constitucional no paiz. Não vamos agora escrever aqui a historia, — historia contemporanea sabida de todos — das varias conspirações, pronunciamentos e luctas, que começam logo em 1820 com as deserções dos regimentos para Hespanha, e só terminam com a intervenção da divisão ingleza de Clinton, em março do anno seguinte. Mais ocioso seria ainda escrever a historia, por equal lastante conhecida, da guerra entre D. Miguel e D. Pedro, que, com a convenção de Evora Monte, encerra o primeiro ciclo das nossas dolorosas luctas pela liberdade. O intento que temos é apenas o de juntar alguns elementos para que possa fazer-se o calculo de quanto nos custou essa liberdade em vi-

começava a alcançar os primeiros triumphos nas ilhas, a sanha do absolutismo redobrava então contra todos os adversarios que alcançava á mão. Eis como um escriptor coetaneo pinta as torturas e pavores d'essa epoca: «Mas, se estas vantagens alcançadas nos Açores animavam os constitucionaes, aquelles que permaneciam em Portugal supportavam todo o peso da vingança de uma facção que os considerava como em represalia. As casas eram cercadas a toda a hora da noite em busca dos homisiados, davam-lhes caça nos montes como a feras, conduziam-nos de cadeia em cadeia cobertos de opprobrios; alguns acabrunhados de pancadas e outros atravessados de golpes.

A Alçada do Porto sentenciava os presos que chamava ao seu tribunal segundo o arbitrio das suas paixões, ou d'aquellas que lhe eram communicadas pelos inimigos dos processados: certidões, attesta-



Lithographia allegorica de Sendim com a seguinte legenda:

«RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL»

«Enquanto as virtudes, figuradas no grupo da direita e as Sciencias e Bellas-Artes, figuradas no grupo da esquerda, jazem por terra desanimadas, e oprimi-as, Portugal agarrilhado, e conduzido pelos Tyrannos á borda de hum precipicio, implora a protecção de S. M. a Senhora D. Maria 2.^a; que á semelhança de hum Astro luminoso, os anima a todos com raios de benefica luz. S. M. I. o Senhor D. Pedro Duque de Bragança armado de todas as armas puz a cabeça da Traição, e com a sua espada (symbolo do seu brioso Exercito) atravessa a Usurpação, a perversa Ferocidade, a Ira, a Infamia, e outros criminosos monstros, e salva assim Portugal do Abismo.»

dos, justificações solennes, tudo era reputado gracioso perante uma recitidão que só conhecia digno de confiança o depoimento dos accusadores. Muitas pessoas sentenciadas a degredo ou absolvidas finaram na fortaleza de S. Julião, sem que houvessem o destino designado, aguentando até ao ultimo suspiro a ferocidade de um infame carcereiro. No meio de tanta fome e tão barbaras perseguições, as noticias fingidas calculadas para dilatar esperanças e

Quantos, porém, foram os que morreram em outras cadeias, em resultado dos maus tratos e privações que soffriam, ou até assassinados como aconteceu aos 33 detidos politicos do castello de Estremoz, barbaramente chacinados em 17 de julho de 1833? As prisões estavam todas atulhadas e cada dia entravam novas levas de prisioneiros. Em uma copia, que o illustre historiador e jornalista sr. Barbosa Colen possui, de um registo official dos presos politicos em Almeida, a respectiva inscripção vae, por exemplo, e não é completa, até ao numero de 1.304 individuos.

Ao mesmo tempo, a força funcionava tambem ás vezes. Os pacientes, vestidos com a longa alva, de cabeça e pés nus, mettidos entre soldados e os irmãos da Misericordia de opas róxas, seguidos pelo povo, que cantava sornamente o *Miserere*, eram executados no Caes do Tojo. Muita gente era espancada e assassinada; os bens dos malhados eram sequestrados ou roubados sem cerimonia nem risco. Não ha possibilidade, como se prevê, de fazer um calculo completo do que nos custou a lucta constitucional que possa offerecer qualquer garantia de segurança.

Pelo que respeita propriamente á guerra desde o desembarque no Mindello, isto é desde 8 de julho de 1832 a 30 de julho de 1834, temos uma estatistica de mortos, feridos, prisioneiros, extraviados em combate e mortos no hospital, organisa da na epoca pelos liberaes, a qual vamos em seguida copiar:

1832	
18 de julho: jornada de Penafiel	19
22 » » Vallongo.....	191
23 » » Ponte Ferreira.....	250
1 de agosto: Grijó.....	3
7 » » Santo Redondo.....	400
8 » setembro: Serra do Pilar.....	38
9 a 16 de setembro: tiroteio nas linhas	24
Nos mesmos dias: sortidas	151
17 a 28 de setembro: tiroteios.....	3
29 de setembro: toda a linha.....	640
14 de outubro: Serra do Pilar.....	60
14 de novembro: sortida em Villa Nova de Gaya.....	94
17 de novembro: sortidas de Antas	174
28 » » sortidas do Carvalho	272
17 de dezembro: idem.....	74
1833	
23 de janeiro: sortida do Crato,	252
4 de março: sortidas do Pastelheiro e Foz	158
24 de março: tiroteio e ataque.....	236
9 e 20 de abril: assalto e defeza.	178
Nos mesmos dois dias: tiroteio no Covello	13
5 de julho: nas linhas	150
25 de julho: ataque de Bourmont	322
18 de agosto: rompimento e abertura do cerco.....	118
31 de outubro: em Grijó.....	21
1 de dezembro: na Arcoza.....	31

1834	
Descobertas de 11 de abril de 1833 a 29 de janeiro de 1834	
26 de março: em Santo Thyrsó.....	9
2 de abril: na Lixa.....	39
De 1 de fevereiro a 16 de maio: piquetes e descobertas	65



ACOMPLIÇÃO DEFEZIDA O DESPOTISMO ATERRADO.

Gravura allegorica de Constantino sobre desenho de Luiz Antonio, do qual ha outra variante

disipar o desespero, eram o principal confortativo dos presos d'estado.

Dos presos na torre de S. Julião que morreram do cholera de 1833 temos, por exemplo, a seguinte nota:

No hospital da Feitoria.....	25
No hospital de Cascaes.....	10
No hospital do Limoeiro.....	4
	CO

23 de janeiro: sortida do Crato,	252
4 de março: sortidas do Pastelheiro e Foz	158
24 de março: tiroteio e ataque.....	236
9 e 20 de abril: assalto e defeza.	178
Nos mesmos dois dias: tiroteio no Covello	13
5 de julho: nas linhas	150
25 de julho: ataque de Bourmont	322
18 de agosto: rompimento e abertura do cerco.....	118
31 de outubro: em Grijó.....	21
1 de dezembro: na Arcoza.....	31

Juntando as victimas de 9 de julho de 1833 em Beja, 23 de julho em Cacilhas, 5 e 14 de setembro e 10 e 11 de outubro em Lisboa, 2 de novembro em Alcacer e 11 do mesmo mez em Barroca d'Alva, 30 de junho de 1834 em Pernes, 18 de fevereiro em Almoester, 2 de março em Rilvas, 20 do mesmo mez em Valle da Matta e 24 em Serpa, 12 de abril em Setubal e 24 em Messines, 5 de maio em Faro, 9 em Olhão e 16 na Asseiceira, achase o numero total de 17:250.

E' um total formidavel. E pelo que toca á avaliacao dos prejuizos materiaes o resultado não é menos para confranger. Ouçamos o que escreve, a esse respeito, Oliveira Martins: «Que sommas a crise custou á nação é impossivel dizer, porque se não medem por numeros as perdas da riqueza e trabalho por todo o paiz, e menos ainda a perda de gente e de força, consumidas pela guerra e pela intriga. Menos se pôde contar ainda o valor perdido, das energias gastas em sustos e afflicções! Pôde talvez, porém, calcular-se o que financeiramente se perdeu, reunindo numeros conhecidos.

«Por parte dos liberaes:

Valor da divida que contrahiram no reino e fóra.....

27:522

PERNICIOSO PODER
DOS
PERFIDOS VALIDOS

CONSELHEIROS DOS REIS

DESTRUIDO

PÉLA

CONSTITUIÇÃO.



COIMBRA.

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1821.

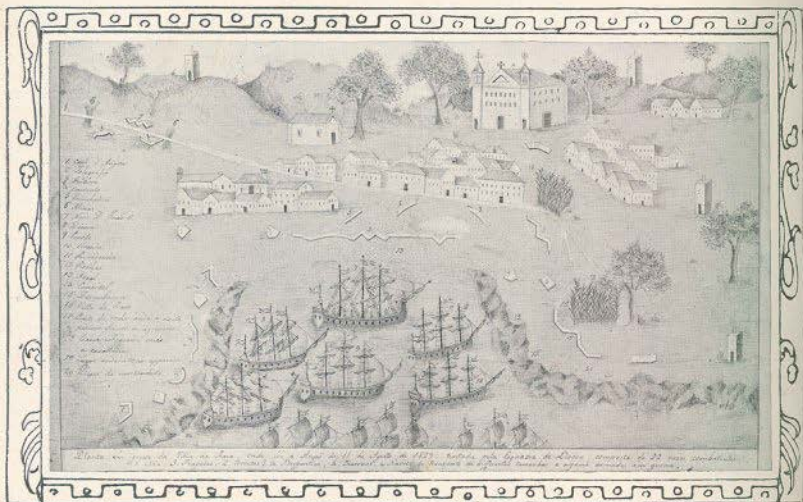
Com Licença da Commissão de Censura.

Uma raridade bibliographica:
reprodução do frontispicio de um pamphleto de 1821

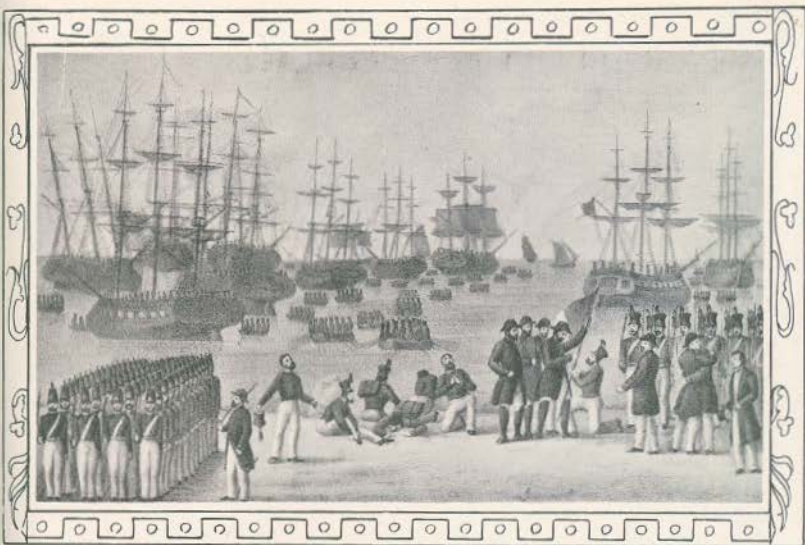
Valor dos subsidios do Brazil recebidos.....	2:043
Idem dos atrazados por pagar em 1834.....	4:000
Idem das indemnisações a solver.....	7:000
Idem das dividas legitimas não reconhecidas.	17:013
Idem do terço do papel moeda na conversão...	2:500
Idem dos confiscos de propriedade inimiga.....	?

Mais de sessenta mil contos só por parte dos liberaes. Veja-se, pois, onde isso se vae se se sommar, como o auctor faz, com as perdas por parte dos miguelistas: attinge por certo a oitenta, talvez cem mil contos, o que a guerra custou á economia da nação.

Mas não foi ainda isso só que nos custou a liberdade; temos que fazer novos sacrificios por ella. Em 1836, a revolução de setembro conseguiu restabelecer a constituição de 1820 pacificamente, mas foi o inicio de quinze annos de guerra civil. Não vamos tambem fazer a historia da Belemzada, com a morte tragica de Agostinho José Freire, e dos successos que seguem, desde a sedição miguelista das Mar-notas e da chamada revolta dos marechaes comprehendendo toda a longa reacção liberal contra Costa Cabral, até á convenção de Gramido. Para quê? E' outro periodo de prisões, degredos, sequestros e mortandade, que está em



A esquadra miguelista na bahia da Villa da Praia (ilha Terceira) onde foi a acção de 11 de agosto de 1829, e planta da villa n'aquelle epoca. Desenho inedito pertencente á collecção do distincto bibliophilo sr. Annibal Fernandes Thomaz



O desembarque da expedição liberal na praia do Mindello. Reprodução de uma litographia

INTENDENCIA

GERAL DE POLICIA
CORTES E SENADO

Tudo hauido em diversos termos de Reino differentes administrativas naturaes, que deviam ser objectos de Dignidade, e de outras prerogativas legaes, e nos mandando sobre Intendencia, que nelle se Acaute Territorio fixamos a sua integridade e sua respeito, e se a sua perda alguma de tempo ou impedimento das prerogativas escriptas, que no seu dominio seural legas da publicação de Dignidade, que mandamos fazer a Corte Constitucional no dia de, das prerogativas, que se requerem, e das qualidades, que se demandam para os ditos administrativos se nos requerem. Jurose e se nos intelligencia de que entre tanto devora continuar a praezio para o futuro.

Das Ordens e F. no 1.º Lisboa em 11 de Setembro de 1826.

José Paquim, Visconde de Santo

O Juizo de instrução criminal de 1826: uma circular

todas as lembranças. Só na acção de Torres Vedras, em dezembro de 1846, houve 39 officiaes mortos ou feridos e 123 soldados. E' outro periodo que custou tambem, sob o ponto de vista material, um preço bastante elevado. As perdas do credito, sem contar a depreciacão do externo, orçam-se em 18:780 contos, as do thesouro em 9:700, e as perdas geraes, não falando nos incendios e ruinas, em 2:520 contos, alcançando assim um total determinado em 31:000 contos.

Ah! custou-nos bem cara a liberdade!

Durante todo o largo periodo que durou a lucta pela sua adquisição morreu bastante gente nos cam-

pos de batalha, na força, nas prisões, trucidada na rua ou nas suas casas pelo fanatismo da reacção politica e religiosa; acenderam-se incendios, commetteram-se extorsões e roubos, fizeram-se saques, perseguiram-se por todas as formas e feitos, defraudou-se a fortuna publica e a particular em milhares de contos, e trouxeram-se os espiritos alarmados e temerosos, invadidos por todos os receios e incertezas.

Foi uma comprida e terrivel época de pavor, mas quem se arrependeu jámais de tê-la transitado para conquistar o precioso beneficio da liberdade?!



Senhor, apresenta a Ellez a Vossa Saldade a Contas que a M.^{ta} me dirigiu em 24 de Setembro, participando que nella, nella bem appareada alguns casos da tyrannia nacional e branda, e participo a M.^{ta} que me ocorreu a Saldade Real e approvacao as providencias, que tem dado para rebater as progressos da tyrannia nacional.

Deo. Guedes a M.^{ta} - Das 9 de Junho de 1834

Conde de S. Bento

O liberalismo considerado epidemia...

(REPRODUCCOES DE BENJOLIEL)

TIPOS POPULARES PORTUGUEZES



Lavadeira do lugar de Bradas, dirigindo-se para Aveiro a buscar roupa

(CLICHÉ DE ANTONIO NUNES RAPEIRO, AVEIRO)

Mulher da freguesia de Luzo

(CLICHÉ DO AMADOR CARLOS MOITINHO O'ALMEIDA)

Descadeira de Hibavo

(CLICHÉ DO PHOTOGRAPHO AMADOR PAULO E. NAMORADO)

